

Citação deixa Souto enfurecido

A carta-denúncia do economista José Carlos Alves dos Santos deixou os ânimos dos congressistas exaltados e mudou a rotina dos denunciados. Líder do governo Collor por dois anos e meio, o deputado Humberto Souto (PFL-MG) não se conteve diante da vinculação do seu nome a empreiteiras. Aos gritos, no corredor da CPI do Orçamento, Souto chamou o economista de louco, bandido e creditou as denúncias à sua tragédia pessoal. Mais discreto, o coordenador da Subcomissão de Bancos, deputado Benito Gama (PFL-BA), ao ser atropelado pelo enfurecido Humberto Souto, tentou acalmá-lo e aconselhou-o a deixar a família do economista de fora de seu desabafo.

“Por que deixar a família dele de fora? Depois que ele se locupletou com o dinheiro público pode jogar outras famílias na lama?”, interrompeu Humberto Souto, quando Benito Gama tentava argumentar. Pelo menos em outros pontos os dois concordam; a CPI tem de investigar as denúncias a fundo e, para, isso estão dispostos a abrir suas contas.

Tanto Benito como Souto consideraram as denúncias de José Carlos “levianas, irresponsáveis e infames”. Apesar de todos os transtornos — teve de antecipar o seu retorno da Bahia —, Benito se manteve sempre tranqüilo, ao contrário de Souto, que esbravejava compulsivamente a partiu para a agressão verbal.

Mentiras — “Um bandido como esse não pode jogar levemente o nome de uma pessoa séria no meio da sua bandalha”, reclamou, com

veemência, o ex-líder do governo Collor. Humberto Souto não sabe porque José Carlos o envolveu nas denúncias, mas acredita que ele esteja querendo desviar as atenções para outros fatos que não o assassinato da sua mulher, Ana Elizabeth Lofrano dos Santos. “Ele foi apanhado na sua mentira e ficou louco. Agora, quer jogar nomes importantes nesse mar de lama”, disse Souto.

O deputado Benito Gama acredita que José Carlos esteja querendo se vingar, pois em 91 pediu a sua demissão do departamento de Orçamento da União. Naquele ano, Benito disse que não adiantaria apenas afastar o deputado João Alves (PPR-BA) da relatoria se José Carlos continuasse à frente do Departamento.

Na sua opinião, a Polícia Federal foi irresponsável e amadora ao divulgar apenas parte da carta. “O objetivo é claro: querem arrefecer a minha atuação na subcomissão”,

argumentou.

Discussão — Também citado na carta, o deputado Israel Pinheiro Filho (sem partido, MG) reconheceu que não tinha um relacionamento harmonioso com José Carlos, quando participou da Comissão de Orçamento, durante cinco anos. “Cheguei a discutir algumas vezes com ele, por causa de emendas de Minas”, informou Pinheiro.

Através de seu gabinete, o deputado Jorge Tadeu Mudalem (PMDB-SP) ressaltou que não conheceu José Carlos Alves dos Santos, mas admitiu que foi relator parcial da área de saúde, sem contudo aprovar emendas. “O que se pode esperar de um bandido?”, questionou Mudalem. Os demais acusados não estavam em Brasília ontem à tarde. A maioria permanecia em seus estados, com exceção do deputado Eraldo Tinoco (PFL-BA), que integra a delegação brasileira da Assembléia Geral das Nações Unidas, em Nova Iorque.